

GESTOS DE APONTAR E DÊIXIS: O DÊITICO “AQUI” EM DADOS MULTIMODAIS

*Hayat Passos Ferraz Pinheiro**

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar comparativamente ocorrências mais e menos prototípicas dos Gestos de Apontar coocorrentes com o dêitico “aqui” em dados multimodais. Foram selecionadas 3 (três) ocorrências do dêitico “aqui”. A ocorrência 1 está abrigada no *Distributed Little Red Hen Lab*; a ocorrência 2 foi coletada da Palestra TEDx “Felicidade é aqui e agora”; e a ocorrência 3 foi realizada por Lula em um dos vídeos do “Depoimento de Lula a Moro”. Para tanto, do ponto de vista teórico, recorreremos aos estudos sobre Dêixis, ancorando-nos, principalmente, no conceito de Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) e de MCI da dêixis (MARMARIDOU, 2000). Posteriormente, discutimos a respeito dos Gestos de Apontar e dos Modos de Representação Gestual (KENDON, 2004); (CLARK, 2003); (GOODWIN, 2003) e (MÜLLER, 2013). E, por fim, discutimos a relação desses gestos com a dêixis. Do ponto de vista metodológico, desenvolvemos nossas análises baseando-nos no Sistema Linguístico de Notação Gestual (LASG) (BRESSEM et al., 2013) e nas Orientações para a Análise de Metáforas nos Gestos (MIG-G) (CIENKI, 2017). Os resultados demonstraram que o Gesto de Apontar com Dedo Indicador Estendido para Baixo (PDPIF) foi predominante. Foi possível observar este gesto nas ocorrências mais prototípicas, menos prototípicas, e, também, em ocorrências categorizadas como “intermediárias”. Por fim, com as ocorrências menos prototípicas, estabelecemos uma relação explícita entre gestos e fala, e, como resultado, descrevemos as metáforas multimodais que emergiram.

Palavras-chave: Gestos de Apontar; Dêixis; Multimodalidade.

ABSTRACT

The aim of this paper is to comparatively analyze more and less prototypical occurrences of Pointing Gestures co-occurring with the deictic “here” in multimodal data. Three occurrences of the deictic “here” were selected. Occurrence 1 is housed in the “Distributed Little Red Hen Lab”; occurrence 2 was from the TEDx lecture “Happiness is here and now”; and occurrence 3 was performed by Lula in one of the videos “Lula’s testimony to Moro”. For this purpose, from the theoretical point of view, we used studies on Deixis, anchoring them, mainly, in the concept of Idealized Cognitive Models (LAKOFF, 1987) and of the ICM of the deixis (MARMARIDOU, 2000). Afterwards, we discussed about Pointing Gestures and Gesture Modes of Representation (KENDON, 2004); (CLARK, 2003); (GOODWIN, 2003) and (MÜLLER, 2013). And, finally, we discussed the relationship of these gestures with deixis. From the methodological point of view, we developed our analyzes based on the Linguistic Annotation System for Gesture (LASG) (BRESSEM et al., 2013) and on the Metaphor Identification Guidelines for Gesture (MIG-G) (CIENKI, 2017). Results showed that the Pointing Gesture with Palm down, Prone Index Finger (PDPIF) was predominant. It was possible to observe this gesture both in the most and less prototypical occurrences, as well as in occurrences categorized as “intermediary”. Finally, with less prototypical occurrences, we established an explicit relationship between gestures and speech, and as a result, we described the multimodal metaphors that emerged.

Keywords: Pointing Gestures; Deixis; Multimodality.

* Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem

INTRODUÇÃO

A dêixis é um fenômeno que está estritamente ligado ao contexto de uso da língua e à forma como categorizamos expressões linguísticas orais, escritas ou de outra natureza semiótica. Até os anos 70, esse fenômeno foi discutido apenas teoricamente, na ausência de pesquisas empíricas que demonstrassem o seu funcionamento. A partir dos estudos empreendidos pela Linguística Cognitiva, iniciados no fim dos anos 70 e início dos anos 80, os postulados teóricos a respeito da dêixis foram relidos a partir das categorias propostas pela Linguística Cognitiva, bem como começaram a ser testados empiricamente. É justamente no âmbito da Linguística Cognitiva, a partir de uma proposta teórico-empírica, que está centrada a proposta deste artigo intitulada: Gestos de apontar e dêixis: o dêitico “aqui” em dados multimodais.

A partir dessa proposta, recorreremos ao conceito de Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCI), estabelecido por Lakoff (1987) e de MCI da dêixis, Marmaridou (2000). Posteriormente, discutimos a respeito dos Gestos de Apontar, descritos por Kendon (2004), definidos, mais especificamente, por Goodwin (2003), e dos quatro Modos de Representação Gestual, estabelecidos por Müller (2013). Por fim, discutimos a inter-relação dos Gestos de apontar e da dêixis. Nessa discussão, analisamos o dêitico “aqui”, definido prototipicamente como um dêitico locativo, que possui o gesto de “apontar para baixo” como gesto prototípico, de acordo com Avelar e Ferrari (2017).

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Modelos Cognitivos Idealizados e dêixis

Lakoff (1987) estabelece que nosso conhecimento é organizado por meio de estruturas chamadas Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Segundo o autor, “cada MCI é um todo complexo estruturado, uma *Gestalt* que usa quatro tipos de estruturação: os mapeamentos proposicionais, os esquemas imagéticos, os metafóricos e os metonímicos”. (LAKOFF, 1987, p.68). Para fundamentar o conceito de MCI, em um primeiro momento, o autor busca explicar o conceito de *frame*, proposto por Fillmore (1975): “o termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência” (FERRARI, 2011, p.50).

Além de propor o conceito de *frame*, Fillmore (1975) buscou estabelecer uma relação entre *frames* e protótipos. Para ele, “em alguns casos, a área de experiência na qual um frame linguístico se impõe é prototípica” (FILLMORE, 1975, p.124)¹. A ideia de Fillmore sobre *frames* prototípicos instancia o conceito de Modelos Cognitivos Idealizados, pois, para Lakoff (1987), “o MCI seria um conjunto complexo de frames distintos” (FERRARI, 2011, p. 53). O conceito de MCI será melhor detalhado a seguir:

um construto teórico desenvolvido por George Lakoff com objetivo de explicar os efeitos de tipicidade descobertos pela Teoria dos Protótipos. Um MCI é uma representação mental relativamente estável que representa uma ‘teoria’ a respeito de algum aspecto do mundo e à qual as palavras e outras unidades linguísticas

1 in some cases the area of experience on which a linguistic frame imposes order is a prototype

podem ser relativizadas. A esse respeito, os MCIs são similares à noção de *frame*, pois ambos se relacionam a estruturas de conhecimento relativamente complexas (EVANS, 2007, p. 104)².

Para ilustrar o funcionamento de um MCI, Lakoff (1987) retoma a palavra “terça-feira”. Para ele, terça pode ser definida em termos de um modelo idealizado, fundamentado no ciclo natural estabelecido pelo movimento do sol, que demarcaria o padrão de categorização para o fim de um dia e o início do próximo. Entretanto, esse ciclo, natural e observável empiricamente, é idealizado linearmente em horas, que, por sua vez, são idealizadas linearmente em dias. Segundo Lakoff (1987, p.68, grifos do autor), “no modelo idealizado, a semana é um todo com sete partes organizadas em uma sequência linear; cada parte é chamada de dia, e a terceira é chamada de *terça*”³. Portanto, de acordo com Lakoff (1987), a semana de sete dias não existe objetivamente na natureza, ela é uma criação humana.

Ao discorrer sobre o MCI estruturado radialmente, Lakoff (1987) afirma que, nesse modelo, uma subcategoria é o centro do protótipo e as outras subcategorias são conectadas a ele por vários tipos de *links*. O resultado, conforme aponta o autor, é uma estrutura centro-periferia. É a partir dessa estrutura, e mais especificamente, desse Esquema Imagético, que pode ser definido o MCI da dêixis. Antes de explicarmos, propriamente, a estrutura Imago-esquemática do MCI da dêixis, consideramos importante retomar o conceito de Esquema Imagético proposto por Johnson (1987).

Segundo Johnson (1987, p.136) “Esquemas Imagéticos são, precisamente, estruturas básicas da nossa experiência sensorio-motora básica, pela qual encontramos um mundo que podemos entender e no qual podemos agir”⁴. Sendo assim, os Esquemas Imagéticos constituem “um padrão dinâmico e recorrente das nossas interações perceptuais e programas motores que dão coerência e estrutura às nossas experiências”⁵ (JOHNSON, 1987, p. 18).

Com relação à estrutura imago-esquemática do MCI da dêixis, Marmaridou (2000) apresenta que ela pode ser definida como uma estrutura de CENTRO-PERIFERIA. Para discorrer sobre essa estrutura, retomaremos as considerações feitas por Lakoff (1987) e Johnson (1987). Ao definir o Esquema Imagético CENTRO-PERIFERIA, Lakoff (1987) estabelece que esse esquema está baseado na nossa experiência corporal. Segundo ele: “nós experienciamos nossos corpos como tendo centros (o tronco e o órgãos internos) e periferias (dedos da mão, dedos do pé, cabelos).”⁶

2 a theoretical construct developed by George Lakoff in order to account for the typicality effects uncovered by Prototype Theory. An ICM is a relatively stable mental representation that represents a ‘theory’ about some aspect of the world and to which words and other linguistic units can be relativized. In this respect, ICMs are similar to the notion of a frame, since both relate to relatively complex knowledge structures

3 In the idealized model, the week is a whole with seven parts organized in a linear sequence; each part is called a day, and the third is *Tuesday*

4 Image schemas are precisely these basic structures of our basic sensorimotor experience by which we encounter a world that we can understand and act within

5 (...) a recurring dynamic pattern of our perceptual interactions and motor programs that give coherence and structure to our experiences.

6 We experience our bodies as having centers (the trunk and internal organs) and peripheries (fingers, toes, hair)

(LAKOFF, 1987, p.274). Além disso, para o autor, os centros são vistos como mais importantes que as periferias: lesões das partes centrais são mais sérias do que as lesões das partes periféricas, por exemplo.

Para Lakoff (1987, p. 274) “de forma similar, o centro define a identidade de um indivíduo e as periferias, não [...]. Uma pessoa que corta o cabelo ou perde um dedo (periferias) continua sendo a mesma pessoa”⁷. Portanto, como afirma o autor, “a periferia é vista como parte dependente do centro, mas não o contrário: má circulação poderá afetar a saúde do cabelo, mas perder o cabelo não afetará o sistema circulatório” (LAKOFF, 1987, p. 274)⁸. Por fim, Lakoff (1987) define os elementos estruturantes do Esquema Imagético “CENTRO-PERIFERIA”: uma entidade, um centro e uma periferia.

Já Johnson (1987), ao discorrer sobre o Esquema Imagético CENTRO-PERIFERIA, também assume a base experiencial e corporal desse esquema. Assim, afirma que: “nosso mundo irradia a partir de *nossos corpos* como centros perceptuais, a partir dos quais nós vemos, ouvimos, tocamos, experimentamos e cheiramos nosso mundo” (JOHNSON, 1987, p.124, grifos do autor)⁹. Para ele, nosso espaço perceptual define um domínio de objetos macroscópicos que se encontram a distâncias variáveis de nós. Dessa forma, a partir do nosso ponto de vantagem (*vantage point*) central, podemos focalizar nossa atenção, primeiramente, em um objeto ou campo perceptual, para depois focalizarmos nossa atenção em outro. Então, o que se configura como “figura”, em um momento, pode se tornar “fundo”, em outro.

Aplicando a estrutura imago-esquemática CENTRO-PERIFERIA para o MCI da dêixis, abordaremos as considerações feitas por Marmaridou (2000). A autora afirma que o centro é, obviamente, o falante, enquanto a periferia implica o objeto dêitico como uma entidade no espaço. Nesse sentido, Marmaridou (2000) propõe que o MCI da dêixis envolve o ato de apontar para uma entidade no espaço, além de ser realizado por um falante autorizado e direcionado para um interlocutor não-focalizado. Dessa forma, uma expressão dêitica, para autora, é aquela que constrói um espaço mental no qual o falante e o destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo.

Por fim, de acordo com Marmaridou, a representação primitiva da intenção humana está, provavelmente, no centro do fenômeno dêitico. Tomando o ato físico como fonte do ato linguístico, prontamente considera-se a definição do falante como centro dêitico. Este é o centro no qual o ato é iniciado, concebivelmente pela extensão de um braço em relação à entidade no espaço.

7 Similarly, the center defines the identity of the individual in a way that the peripheral parts do not. [...] A person whose hair is cut off or who loses a finger is the same person.

8 The periphery is viewed as depending on the center, but not conversely: bad circulation may affect the health of your hair, but losing your hair doesn't affect your circulatory system.

9 Our world radiates out from our bodies as perceptual centers from which we see, hear, touch, taste, and smell our world.

1.2 GESTOS DE APONTAR E MODOS DE REPRESENTAÇÃO GESTUAL

Os gestos de apontar, segundo Kendon (2004), são comumente realizados com as mãos, mas também podem ser realizados com a cabeça, por certos movimentos dos olhos, lábios, ombros, ou, em alguns casos, até mesmo pelo pé. Na mesma linha de Kendon, Clark (2003, p. 251) afirma que “O apontar é frequentemente tomado como uma classe. Ele pode variar, convencionalmente, de acordo com a parte do corpo utilizada (dedo indicador, polegar ou lábios), a distância dos objetos ou o tipo de objeto indicado”¹⁰.

Conforme Kendon (2004), todas essas formas de apontar têm em comum um padrão de movimento característico, no qual a parte do corpo encarregada de apontar é movida em uma trajetória bem definida e a dinâmica do movimento ocorre de tal maneira que a trajetória, mesmo que apenas o final do movimento, é linear. Nos gestos de apontar, com exceção de quando um objeto em movimento está sendo acompanhado, o movimento com o qual o gesto coocorre é, conseqüentemente, um movimento que parece ser voltado para uma direção claramente definida, “como se” estivesse sendo realizado em direção a algum alvo específico.

Kendon (2004) afirma que os gestos de apontar são interpretados como indicadores de um objeto, de uma localização, ou de uma direção, que são visualizados a partir da projeção de uma linha reta, traçada até o ponto mais distante da parte do corpo que está sendo projetada para fora, no espaço que se estende para além do falante, considerado como centro dêitico. O autor explica que esse espaço pode ser um espaço físico que os participantes partilham. Nesse caso, o objeto do apontar é um objeto ou localização real, que existe em algum lugar no mundo real, mas que não pode ser visto, como quando alguém aponta na direção de objetos que estão além do muro da casa de outra pessoa, por exemplo. Por outro lado, o espaço para o qual o falante aponta pode ser estruturado pelas ações do próprio falante. Nesses casos, os falantes criam, por meio de uma combinação de palavras e gestos dêiticos, um modo de relacionar o espaço no qual o apontar é realizado a uma espécie de “mapa invisível” (que pode ser tridimensional). Para Kendon (2004), esse pode ser um mapa no qual as localizações relativas dos personagens e dos objetos de uma história estão dispostas (espaço narrativo¹¹) ou pode ser um mapa no qual estão compreendidos os componentes do discurso do falante, tais como posições lógicas de contraste, a partir de localizações espaciais específicas. É como se esses componentes fossem tratados como objetos físicos que ocupam posições no espaço para as quais os gestos dos falantes são direcionados¹². Isso ocorre, por exemplo, quando o referente para o qual se aponta é abstrato e não se encontra no contexto imediato de interação.

Ainda no que concerne aos gestos de apontar, Clark (2003, p. 246, grifos do autor) argumenta que “indicar um objeto no espaço também leva os participantes a *focalizar a atenção no objeto*.”¹³ De acordo com Clark, quando, por exemplo, alguém aponta o dedo para um carro, está tentando designar o carro como objeto e também direcionar a atenção do interlocutor para uma localização específica. Tanto a focalização de atenção quanto a designação do objeto, são, para o autor, pré-

10 Pointing is often assumed to be in a class by itself. It may vary conventionally with the body part used (forefinger, thumb, or lips), the distance of the objects, or the type of object indicated.

11 Haviland, 1993. Essa referência encontra-se no texto original de Kendon (2004).

12 McNeill, Cassel e Levy, 1993. Essa referência encontra-se no texto original de Kendon (2004).

13 Indicating an object in space must also lead the participants to focus attention on that object.

requisitos para tornar um ato de indicação efetivo – ao menos para objetos no espaço. Cada indicação deve estabelecer uma conexão entre o ato e o objeto. Essa conexão deve focalizar a atenção do destinatário no objeto, e nesse objeto a partir de uma descrição específica. Nesse sentido, para Clark (2003), com o direcionar, “os falantes criam um local de indexação com relação ao referente” (CLARK, 2003, p. 249)¹⁴.

Os gestos de apontar são descritos, especificamente, conforme Kendon (2004), em sete tipos de gestos manuais, distintos em termos de formato de mãos em combinação com a posição rotacional do antebraço. Esses tipos de gestos de apontar foram observados pelo autor e estão descritos a seguir:

A. Dedo Indicador Estendido Neutro (palma vertical). B. Dedo Indicador Estendido Pronado (palma para baixo). C. Polegar. D. Mão Aberta Neutra (palma vertical). E. Mão Aberta Supinada (palma para cima). F. Mão Aberta Oblíqua (palma oblíqua). G. Mão Aberta Pronada (palma para fora). (KENDON, 2004, p.206).¹⁵

Em suma, ao categorizar os sete tipos diferentes de “gestos de apontar”, Kendon (2004) afirma que a forma do Gesto de Apontar não diz respeito somente a uma questão de escolha idiossincrática do falante, nem correspondem a uma variação não-relacionada a coisas aleatórias que o falante está fazendo. Para ele, parece mais apropriado afirmar que a configuração da mão que o falante utiliza no apontar constitui um componente padronizado de um conjunto sentencial. Ou seja: é como se o falante utilizasse diferentes formas de apontar, que variam de acordo com o modo como o objeto referenciado está sendo utilizado no discurso.

Antes de explorar, brevemente, os Modos de Representação Gestual, gostaríamos de salientar que apesar do grande valor metodológico das considerações de Kendon (2004), o autor não define claramente, de um ponto de vista teórico ou semiótico, o que sejam os “gestos de apontar”. No que se refere a esses gestos, Goodwin (2003) afirma que o “ato de apontar” envolve uma situação que contenha ao menos dois participantes, sendo que um deles é responsável por estabelecer um espaço específico com foco compartilhado para organização da cognição e ação.

Müller (2013) estabelece que existem quatro Modos básicos de Representação Gestual. De acordo com a autora, esses Modos são os seguintes: encenar, moldar, desenhar e representar. No modo “representar”, as mãos são usadas para imitar ou encenar atividades manuais reais, tais como: agarrar, segurar, dar, receber, abrir uma janela, desligar um aquecedor, ou arrastar um antigo câmbio manual; no modo “moldar”, as mãos moldam ou desenham uma escultura em 3D, tal como uma moldura de um quadro ou uma tigela; no modo “desenhar”, as mãos delineiam o contorno ou a forma dos objetos e a trajetória de movimentos no espaço; e no modo “representar”, a mão corporifica um objeto como um todo, um tipo de “escultura” manual, quando, por exemplo, uma mão aberta supinada representa um pedaço de papel e o dedo indicador estendido representa um lápis utilizado para fazer notas nesse papel.

14 speakers create the indexing site with respect to the referent.

15 A. Index Finger Extended Neutral (palm vertical). B. Index Finger Extended Prone (palm down). C. Thumb. D. Open Hand Neutral (palm vertical). E. Open Hand Supine (palm up). F. Open Hand Oblique (palm oblique). G. Open Hand Prone (palm away).

1.2 A inter-relação entre os dêiticos locativos e os Gestos de Apontar

De acordo com alguns dados analisados por Avelar e Ferrari (2017), no que se refere aos gestos de apontar relativos aos dêiticos locativos “aqui” e “lá”, as autoras estabelecem que o gesto de “apontar para baixo” prenuncia o uso prototípico do dêitico “aqui”, enquanto o gesto de “apontar para fora” prenuncia o uso prototípico do dêitico “lá”.

Nessa subseção, focalizaremos em uma amostra, analisada pelas autoras, que ilustra o papel abstrato/discursivo/metaforizado dos “gestos de apontar” (Figura 1). Nessa amostra, há congruência aparente entre gestos e fala na dêixis locativa:

Figura 1 - Congruência aparente entre gestos e fala na dêixis locativa



“Que **essa casa** (1) **aqui** (2), **os senhores** (1) **aqui** (2)”.

Mão direita apontando para baixo.

Fonte: Avelar e Ferrari, 2017, p.85

Ao analisar as amostras como a apresentada, Avelar e Ferrari (2017) afirmam que, embora se observe uma congruência entre o gesto de apontar para baixo, estabelecido como prototípico para o uso do dêitico aqui, e o “aqui” veiculado na fala, deve-se considerar que a ocorrência multimodal do dêitico, em amostras como essas, parece ser redundante, uma vez que outro dêitico locativo já faz parte do sintagma nominal “essa casa”. Além disso, para as autoras, tanto a repetição do gesto, quanto o movimento repetitivo ao realizar o golpe gestual, demonstram que a marcação dêitica multimodal funciona mais como sinalizadora de tópico discursivo do que como marcadora de espaço físico.

2. SELEÇÃO DO CORPUS

Foram selecionadas 3 (três) ocorrências do dêitico “aqui”, coocorrentes com os Gestos de Apontar, para análise, neste artigo. A ocorrência 1 está abrigada no *Distributed Little Red Hen Lab*; a ocorrência 2 foi coletada da Palestra TEDx “Felicidade é aqui e agora”; e a ocorrência 3 foi realizada por Lula em um dos vídeos do “Depoimento de Lula a Moro”.

A base de dados do Red Hen, fonte da primeira ocorrência, consiste em numa Biblioteca de Notícias Internacionais, hospedada e mantida, de forma segura, pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). O banco de dados possui, aproximadamente, 200 mil horas de notícias transmitidas pela internet, num vasto número de línguas. Esse *corpus* revela a criatividade e variedade cultural da rede de notícias em todo o mundo. Ele inclui, em média, um bilhão de palavras em textos legendados, com marcação de data e hora, além de, em média, um bilhão de palavras transcritas.

Já as Palestras TED (acrônimo para *Technology, Entertainment, Design*; em português Tecnologia, Entretenimento, Planejamento) são realizadas em vários países ao redor do mundo, dentre eles o Brasil, pela organização norte-americana sem fins lucrativos Sapling. As palestras são amplamente divulgadas na internet, por meio do YouTube, e possuem duração máxima de 18 minutos. Elas são destinadas à disseminação de ideias, segundo o slogan da própria organização: “ideias que merecem ser disseminadas”. As Palestras TEDx seguem o mesmo modelo das TED, porém fazem parte de um evento menor, organizado de forma independente, sob uma licença gratuita concedida pelo TED. Essa palestra TEDx, na qual coletamos a segunda ocorrência analisada, foi proferida em um TEDx realizado em São Paulo, em 2016, pelo Professor Clóvis Barros Filho. O professor é jornalista e livre-docente na área de ética da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Por fim, o depoimento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao Juiz Federal Sérgio Moro, no qual coletamos a terceira ocorrência. Esse depoimento foi disponibilizado em vídeo, no YouTube. O depoimento em questão ocorreu no dia 10/05/2017 e possui duração de 4 horas 28 minutos e 43 segundos. Nele, o ex-presidente Lula responde às acusações de ter recebido propina da empreiteira OAS por meio da reserva de uma compra e da reforma de um triplex em um edifício no Guarujá (litoral de São Paulo).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Do ponto de vista metodológico, desenvolvemos nossas análises baseando-nos no Sistema Linguístico de Notação Gestual (LASG) (BRESSEM *et al.*, 2013) e nas Orientações para a Análise de Metáforas nos Gestos (MIG-G) (CIENKI, 2017).

O Sistema Linguístico de Notação Gestual (*Linguistic Annotation System for Gestures*, doravante, LASG), proposto por Bressem e colaboradoras (2013), focaliza, unicamente, num primeiro momento, a forma física dos gestos, destacando uma categorização detalhada. Conforme as autoras, o sistema está baseado em uma abordagem semiótica para os gestos, assumindo uma separação heurística entre forma, sentido e função gestual no processo analítico. Bressem e colaboradoras (2013, p. 1080) afirmam que o sistema proposto por elas se diferencia de outros sistemas existentes em três aspectos essenciais, pois esse sistema: “(i) concentra-se unicamente na descrição da forma dos gestos; (ii) propõe uma descrição de forma independente da fala. (iii) evita descrições de forma gestuais que incluem paráfrases de sentido” (BRESSEM *et al.*, 2013, p.1080)¹⁶.

Além disso, o sistema atende à notação da forma gestual, no que diz respeito à forma física, que inclui os quatro parâmetros de descrição gestual, também utilizados pela Linguística da Língua de Sinais, são eles: formato das mãos, orientação das mãos e palmas, padrões, direção e qualidade de movimento e posição do gesto no espaço.

Já as orientações para a identificação (ou não) de metáforas nos gestos, seguem os seguintes passos, descritos por Cienki (2017):

16 (i) It concentrates solely on a form description of gestures; (ii) It proposes a form description independent of speech (iii) It avoids gestural form description including paraphrases of meaning.

1. Identificar os golpes gestuais. 2. Descrever as quatro características da forma de cada golpe. 3. Identificar se o gesto atende a alguma função referencial. Se sim, 4. Identificar o(s) modo(s) de representação. 5. Identificar o(s) referente(s) físico(s) retratados no(s) gesto(s) (o domínio fonte potencial). 6. Identificar o tópico contextual que está sendo referenciado (o domínio alvo potencial). 7. O tópico está sendo identificado por semelhança na experiência com o referente retratado por meio do gesto? Se sim, o gesto pode ser identificado como utilizado metaforicamente por meio de um mapeamento no qual o tópico (Domínio-alvo) está sendo comparado ao referente descrito (Domínio-fonte). (CIENKI, 2017, p.136)¹⁷

O autor faz uma ressalva de que os dois primeiros passos são executados mais adequadamente com o som do vídeo desligado, com o intuito de ajudar o analista a manter o foco nas formas gestuais visíveis, sem nenhuma distração ou influência da fala associada. Essa mesma orientação, de observar as formas gestuais isoladamente, correspondem ao primeiro bloco de análise do LASG.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS OCORRÊNCIAS

Neste artigo, conforme apresentado acima, propomos a análise de três ocorrências do dêitico “aqui”, coocorrentes com os Gestos de Apontar. A análise a partir da representação multimodal da ocorrência 1, abrigada no *Distributed Little Red Hen Lab*, está disposta na Figura 2.

Figura 2 - Representação multimodal da ocorrência 1 (Red Hen)



“Essa aqui quer aumentar o peito, essa aqui tirou o peito”.

Dedo indicador esquerdo estendido, demais dedos esticados, palma para baixo, movimento descendente, impreciso, distância longa em relação ao corpo.

Na análise do Golpe gestual que coocorre com o discurso, na ocorrência 1, notamos que a falante realiza um Golpe que foi categorizado como um Gesto de Apontar, com Dedo Indicador Pronado, Palma Para Baixo (PDPIF). O referente físico retratado no gesto, nesta ocorrência, é o dêitico “aqui” e corresponde ao tópico contextual referenciado “Essa aqui tirou o peito”. Sendo assim, trata-se de uma ocorrência mais prototípica ou menos metafórica, referente ao contexto locativo imediato, referindo-se a uma pessoa específica, para a qual a repórter aponta, presente no espaço físico imediato. Entretanto, o gesto realizado não corresponde a uma ocorrência prototípica do gesto em questão, pois, apesar de separar o dedo indicador dos demais dedos, apontando para a interlocutora, a falante também realiza um gesto de PDOH ou “Mão Aberta, Palma Para Baixo”,

17 1. Identify the gesture strokes. 2. Describe the four form features of each stroke. 3. Identify if the gesture serves any referential function. If so, 4. Identify the mode(s) of representation. 5. Identify the physical referent(s) depicted in the gesture(s) (the potential Source domain). 6. Identify the contextual topic being referenced (the potential Target domain). 7. Is the topic being identified via a resemblance in experience to the referent depicted via the gesture? If so, the gesture can be identified as metaphorically used via the mapping that the topic [This Target Domain] is being likened to the referent depicted [This Source Domain].

uma vez que os demais dedos da mão encontram-se abertos. Por essa razão, descrevemos o Gesto de Apontar realizado como uma ocorrência intermediária entre os Gestos de Apontar e os Modos de Representação Gestual, pois o gesto realizado, na verdade, pode ser categorizado como estando entre representações prototípicas do PDPIF e do PDOH.

A análise a partir da representação multimodal da ocorrência 2, coletada da Palestra TEDx “Felicidade é aqui e agora”, está disposta na Figura 3.

Figura 3 - Representação multimodal da ocorrência 2 (TEDx)



[A gente] Começou a passear pelos corredores...
Estágio aqui, estágio ali, estágio acolá.

Mão aberta, palma para fora, movimento para a direita, preciso, distância longa em relação ao corpo.

Na análise do Golpe gestual que coocorre com o discurso, conforme ilustrado na ocorrência 2, decidimos considerar apenas a mão direita, pois é a mão que o falante movimenta para realizar o Golpe, sendo que a mão esquerda permanece numa posição de descanso, mesmo que não seja a posição-padrão de repouso. Nesta ocorrência, notamos que o falante realiza um Golpe que foi categorizado como um gesto em que o falante, apesar de utilizar a mão aberta, não representa nada, mas aponta para o espaço. Porém, é importante ressaltar que esta maneira de apontar não corresponde a um Gesto de Apontar prototípico dos compostos verbo-gestuais contendo o “aqui”, que seria, conforme proposição de Avelar e Ferrari (2017), o Gesto de Apontar, com “Dedo Indicador Pronado, Palma Para Baixo” ou PDPIF, pois o falante utiliza todos os dedos da mão. O referente físico retratado no gesto, na ocorrência em questão, é o dêitico “aqui”, que corresponde também ao tópico contextual referenciado. No entanto, apesar de o tópico contextual coincidir com o referente físico retratado no gesto, categorizamos a ocorrência como menos prototípica ou mais metafórica, pois, ao dizer “Estágio aqui” e realizar o Gesto de Apontar, o falante não se refere ao espaço físico imediato, neste caso, ao estádio no qual se encontra, mas a locais em potencial onde os personagens que ele retrata no discurso, que incluem ele próprio e os colegas de faculdade, encontrariam estágio.

Por fim, a análise a partir da representação multimodal da ocorrência 3, realizada por Lula no seu depoimento a Moro, está disposta na Figura 4.

Figura 4 - Representação multimodal da ocorrência 3 (Depoimento de Lula a Moro)



Fernando Henrique Cardoso veio aqui e deu uma explicação

Dedo indicador direito dobrado, palma para baixo, movimento descendente, impreciso, distância média em relação ao corpo.

Na análise do Golpe gestual que coocorre com o discurso, na ocorrência 3, notamos que o falante realiza um Golpe que foi categorizado como um Gesto de Apontar com Dedo Indicador Pronado, Palma Para Baixo (PDPIF). Ao analisar esse Golpe gestual, notamos que o falante realiza diversas repetições do mesmo movimento, que não são claramente identificáveis umas das outras, e, por essa razão, decidimos categorizar o Golpe como único, uma vez que não é possível delimitar com clareza a ocorrência de golpes distintos, mesmo em se tratando da repetição do mesmo movimento. Capturamos, então, uma imagem que representasse a sequência de repetições que caracterizam um único Golpe. O referente físico retratado no gesto, neste caso, corresponde a uma porção inteira do discurso, e não apenas ao dêitico “aqui”. Dessa forma, o tópico contextual referenciado também corresponde à porção completa: “Fernando Henrique Cardoso veio aqui e deu uma explicação”. Sendo assim, categorizamos a ocorrência verbo-gestual como menos prototípica ou mais metafórica, pois consideramos que o dêitico “aqui”, nesta ocorrência, possui função pragmática de ênfase, uma das possibilidades de ocorrência não-prototípica discutidas por Avelar e Ferrari (2017). Em outras palavras, o gesto funciona muito mais como um marcador de ênfase do que um marcador de lugar – que seria característico do uso mais prototípico do “aqui”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os Gestos de Apontar em três ocorrências do dêitico “aqui”, observamos que o Gesto de Apontar PDPIF ou “Dedo Indicador Estendido Pronado” foi o predominante. Esse Gesto de Apontar (PDPIF) foi encontrado tanto em ocorrências mais prototípicas, em que o “aqui”, veiculado na fala, refere-se ao contexto locativo imediato, e coocorre com o gesto em questão, quanto em ocorrências menos prototípicas, em que o dêitico “aqui”, veiculado na fala, retrata o referente físico do Golpe gestual. Porém, a ocorrência multimodal corresponde, por exemplo, a uma porção específica do discurso, e não apenas ao dêitico “aqui”.

Além disso, o PDPIF também foi encontrado em ocorrências categorizadas como intermediárias, em que o gesto realizado na ocorrência analisada foi categorizado como PDPIF, mas, na verdade, corresponde a uma ocorrência gestual intermediária entre esse Gesto de Apontar e o Gesto PDOH ou Mão Aberta, Palma Para Baixo.

Por fim, com relação à ocorrência menos prototípica analisada, que possui a função pragmática de “marcador de ênfase”, embora não tenha sido instanciada uma metáfora conceptual específica, acreditamos que se trata de uma ocorrência metaforizada do “aqui” (AVELAR; FERRARI, 2017), pois a função pragmática de ênfase sobrepõe-se à função locativa desempenhada pelo dêitico em contextos originalmente mais prototípicos ou menos metafóricos.

REFERÊNCIAS

AVELAR, M.; FERRARI, L. Integração experiencial e dêixis: O papel discursivo dos gestos. **Cadernos de Estudos Linguísticos** v.59, n.1, Campinas, p. 73-89 - jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648300/15696>> Acesso em: 1 de setembro de 2018.

BRESSEM, J. *et al.* A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Eds.), **Body - Language – Communication**. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013, p. 1079-1098.

CLARK, H. H. Pointing and Placing In: **Pointing: Where Language, Culture and Cognition Meet** KITA, S (ed.), Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003, p. 243-268.

CIENKI, A. Analysing metaphor in gesture: A set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). In: E. Semino, & Z. Demjén (Eds.), **The Routledge handbook of metaphor and language** (pp. 131-147). London: Routledge, 2017, pp. 131-147.

EVANS, V. **The Cognitive Linguistics Reader**. BENJAMIN K. Bergen e JÖRG Zinken (Eds.). Londres: Equinox Publishing Co, 2007, p. 40-41.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. J. **An alternative to checklist theories of meaning**. Berkeley Linguistics Society, 1975, p.123–131.

GOODWIN, C. Pointing as Situated Practice In: **Pointing: Where Language, Culture and Cognition Meet** In: KITA, S (ed.), Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003, p. 217–241.

JOHNSON, M. **The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

KENDON, A. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

MARMARIDOU, S. On Deixis. In: **Pragmatic meaning and cognition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MÜLLER, C.: Gestural Modes of Representation as techniques of depiction. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Eds). **Body - Language – Communication**. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: 2013, p. 1687-1701.